

Indicadores industriais sem sintonia

Enquanto a indústria de vestuário e calçados registra uma queda na produção de 28,3%, de janeiro a julho, a de eletrodomésticos está acima dos níveis da explosão de consumo do Natal de 94. A produção de papelão, indicador das encomendas de embalagens de todas as indústrias, caiu 24%. A produção de bens de capital (máquinas e equipamentos) para a indústria cresceu 38%, mas a de bens intermediários (insumos e matérias-primas) já voltou aos níveis anteriores ao Plano Real, com queda de 13% este ano. Deu a louca na economia?

Entre os cinco setores pesquisados pelo Ipea, que são sinalizadores do movimento geral da indústria, apenas a fabricação de papelão apresenta queda. De janeiro a julho, a siderurgia cresceu 2,5% e a produção de cimento, sinalizador da construção civil, cresceu 13,6%. O consumo de óleo diesel, que aponta o transporte de cargas no país, deu um salto de 16,5%. A produção de veículos cresceu 61% desde janeiro.

Apesar do crescimento no setor automobilístico em agosto — 159.307 veículos, contra 119.826 em julho — a produção ainda é menor que a de junho, de 167.454 veículos. “Em junho, houve uma aceleração, para compensar as férias coletivas programadas para julho. Foi o maior período de produção da história. A produção de cimento é também uma das maiores”, diz o diretor de Pesquisa do Ipea, Claudio Considera.

Mas a queda de 24% no setor de papelão (embalagens) indica retração generalizada, pois é o primeiro passo para a pisada no freio nas linhas de produção. “O país não continua no mesmo nível de crescimento. Nem poderia. É preciso desacelerar o consumo para que haja tempo de a indústria investir em elevação de capacidade”, diz.

Os números do IBGE, de crescimento de 38% na produção de máquinas e equipamentos para a indústria, são um sinal de que as empresas estão se preparando para uma expansão. Alguns setores, entretanto, ficarão de fora. Muitos deles, devido à concorrência com os importados. É o caso de vestuário, calçados e de vários produtores de insumos e matérias-primas. Com a abertura da economia, ficou mais barato comprar alguns componentes no exterior. Pode estar aí a resposta para o movimento aparentemente confuso. “Mesmo na época de explosão de consumo, o setor de bens intermediários cresceu bem menos do que o de produtos finais”, diz o economista Sílvio Salles, do IBGE.